

Presidente do BNDES critica a abertura exagerada da economia

O novo presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Antônio Barros de Castro, se define como um homem que sempre foi contra a abertura exagerada da economia. Ele acha que a abertura dos últimos dois anos, feita pelo Governo Collor, foi exagerada.

— Com tigre não se compete. De tigre se apanha — diz Barros de Castro, uma posição discutível, principalmente para um país que tem o terceiro maior superávit comercial do mundo.

O professor sustenta seu argumento comparando dois casos:

— A Itália protegeu sua indústria de automóveis e tem ainda hoje uma indústria forte; a Inglaterra abriu o país, e sua indústria foi destruída pelos concorrentes asiáticos. Mas esses países asiáticos têm economias fechadas. Ou alguém ainda acredita que a Coreia fez o que fez porque é uma economia liberal?

O economista afirma, no entanto, que os últimos anos produziram algumas mudanças em suas convicções.

— No mundo em que estudei, o importante era a política macroeconômica. Depois eu fui surpreendido por duas mudanças: a revolução tecnológica e o aumento da importância da eficiência na gestão das empresas.

O professor Paulo Fernando Fleury, do Coppead, acha que a eficiência na gestão é o ponto chave.

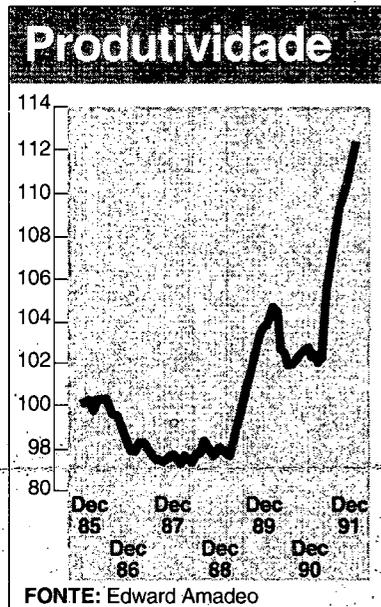
— Mais importante do que saber se uma empresa é estatal ou privada, é saber se ela é eficiente — diz ele.

Fleury acredita que a abertura comercial do país serviu para empurrar as empresas para programas de eficiência que as tornem mais competitivas.

— Há dois anos, a Confederação Nacional da Indústria fez uma pesquisa onde foi revelado que apenas 15% das empresas tinham programas de qualidade e produtividade. Refeita agora, a pesquisa mostra que 89% das empresas já têm programas — conta Antonio Maciel Netto, do Ministério da Indústria e Comércio.

O professor Edward Amadeo, da PUC, fez um estudo sobre a produtividade da economia bra-

Editoria de Arte



sileira, medindo a produção por horas trabalhadas.

— A produtividade ficou estagnada de 85 a 89. De lá, até o fim de 91, aumentou em 15% — diz ele, relacionando entre as razões para isto a abertura comercial, que aumenta a concorrência, a recessão, que obriga à racionalização da produção, e o aumento do custo das demissões.

— Houve uma mudança total na cabeça do empresário brasileiro — diz Antônio Maciel.

Barros de Castro pondera, no entanto, que a política de abertura trouxe prejuízos para as empresas brasileiras. Ele cita a Gradiente como um símbolo das desvantagens da política de exportar exageradamente as empresas à competição:

— No curto prazo, foi muito ruim para a empresa.

O presidente da Gradiente, Eugênio Staub, usa adjetivos fortes nas suas críticas à política de abertura na forma como foi conduzida no Governo Collor:

— Era uma tentativa de destruir a indústria.

A Gradiente demitiu dois terços dos funcionários e reduziu o faturamento de US\$ 250 milhões para US\$ 130 milhões. Mesmo assim, ele faz um balanço positivo do processo por que passou.

— Por um lado foi bom, porque pela primeira vez os diretores estão falando em eficiência na gestão, em cortes de despesas, em aumento de produtividade — afirma Staub.